

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: O PRIMEIRO OLHAR DO ALUNO EM DIREÇÃO À DOCÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

SUPERVISED INTERNSHIP: STUDENTS' FIRST LOOK TOWARDS TEACHING DURING THE COVID-19 PANDEMIC

PRÁCTICAS SUPERVISADAS: LA PRIMERA MIRADA DE LOS ESTUDIANTES HACIA LA ENSEÑANZA DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Jullyana Souza Rodrigues¹

Resumo: Este relato de pesquisa objetivou refletir sobre a experiência de estágio em contexto pandêmico do coronavírus no ano de 2021. Para tanto, utilizou-se referências bibliográficas referentes à metodologia, ao ensino aprendizagem e os caminhos para se chegar até o conhecimento. Ainda, traz uma abordagem do primeiro olhar do estagiário enquanto aprendiz que está se transformando em professor, refletindo as inseguranças e expectativas com a docência através da observação em um ambiente online.

Palavras-chave: Educação; Estágio; Pandemia; Aprendizagem.

Abstract: This research report reflects on the supervised internship experience in the coronavirus pandemic context in 2021. To this end, bibliographic references are used relating to methodology and teaching-learning, encouraging questions around the use of technologies and paths to reach knowledge. Even so, it presents an approach from the first look of the intern as an apprentice who is becoming a teacher, reflecting the insecurities and expectations regarding in an online classroom.

Keywords: Education; Internship; Pandemic; Learning.

Resumen: Este informe objetivo de investigación reflexiona sobre la experiencia de las prácticas supervisadas en el contexto de la pandemia de coronavirus en 2021. Para ello, se utilizan referencias bibliográficas relacionadas con la metodología y la enseñanza-aprendizaje, incentivando preguntas en torno al uso de las tecnologías y los caminos para alcanzar el conocimiento. Aun así, presenta un abordaje desde la primera mirada del pasante como aprendiz que se va convirtiendo en docente, reflejando las inseguridades y expectativas respecto la clase online.

Palabras claves: Educación; Pasantía Docente; Pandemia; Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a segurança pública e sanitária viu-se ameaçada com o surgimento da Covid-19 globalmente, um vírus transmissível capaz de infectar através do contato ou

¹ Graduada em Ciências Sociais em Licenciatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF)/Campos dos Goytacazes.

proximidade, afetando todos os setores da educação e iniciando um período de aulas remotas. Com as medidas de segurança no contexto pandêmico, foi necessário que os estágios presenciais se tornassem remotos, permitindo o acompanhamento das aulas online nas escolas da rede pública de Campos dos Goytacazes/RJ². Diante dos problemas enfrentados neste período, tanto a burocracia institucional quanto o acompanhamento supervisionado foram adaptados de acordo com as dificuldades dos graduandos sobre o acesso às plataformas digitais e todo o contexto remoto.

No semestre, foi permitido que os alunos participassem de uma aula no estágio remoto em turmas de ensino médio, que dado o estresse e abalo emocional causados pela vivência no isolamento, pôde ser suficiente para a exigência do momento. Com isso, trago observações de uma aula remota que ocorreu no dia 29 de abril de 2021 através da plataforma online de videoconferência *Google Meet*, um meio digital que se tornou o principal recurso da pandemia de Covid-19 de aulas e acompanhamento de disciplinas.

Neste trabalho, trago autores indicados pela disciplina para compor reflexões sobre a área da educação que foram necessários para desenvolver o conhecimento sobre a docência durante a crise sanitária, que dado o contexto, obteve maior carga teórica que prática. Procurei pontuar alguns conhecimentos que obtive durante a participação na disciplina de pesquisa e prática de ensino até o presente momento. Além disso, minha proposta foi trazer observações e pensamentos sinceros sobre minha futura profissão. Trago como relevante a noção de pensamento crítico na própria educação, o poder de criticar e ser honesto com o que se vive, sem limitar-se a uma falsa percepção de neutralidade.

Abordarei os seguintes autores: Rubem Alves (1980), com o texto *Conversas com quem gosta de ensinar*; Bell hooks (2013), com *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*; Moacir Gadotti (2018), com *A escola dos meus sonhos*; Tim Ingold (2015), com “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção” e Verissimo Santos Junior e Jean Monteiro (2020) com “Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia”. Relaciono os autores abordando desde a metodologia de ensino para o pesquisador de educação, trazendo questões sobre o exercício crítico de pensar a desigualdade social na escola, a fuga da idealização do ambiente escolar e as formas de trazer conhecimento ao aluno.

² O município está localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, o estágio remoto foi acompanhado de uma aula remota em uma escola da rede pública municipal com uma professora supervisora.

A AUTONOMIA DO PENSAMENTO CRÍTICO NA EDUCAÇÃO

A obra de Rubem Alves (1980) *Conversas com quem gosta de ensinar* traz uma reflexão sobre as questões metodológicas que vão além de dados quantitativos para tratar de temas da realidade cotidiana. Tais dados podem nos levar a analisar inúmeros fatores que não se encontram em números como, por exemplo, o estudo da educação, que exige atenção em categorias biológicas, sociais, psicológicas, econômicas, entre outras.

Para Alves (1980), as condições investigativas de uma pesquisa provêm de um ato político que, inclusive, pode ser usado para a reprodução de poder. O conteúdo investigado e produzido está sujeito ao fortalecimento de relações de controle e dominação, no qual a obra de pesquisa está passível de manipulação. No entanto, o autor compreendeu que no momento que identificamos e reconhecemos que existe essa manipulação, acabamos por nos tornar livres como pesquisadores. Com tais reflexões, trago meu relato de pesquisa buscando equilibrar os bastidores do estágio supervisionado e o conhecimento resultante da pesquisa.

Desde o primeiro período da minha faculdade, busco refletir sobre o modo de ensino aprendizagem que caracteriza uma autonomia de pensamento crítico para os próprios alunos e como utilizar a ferramenta transformadora a partir da educação. Ser educador é um processo que exige paciência, mas também força de vontade para querer mudar, aprimorando a metodologia e o processo de ensino aprendizagem no meio escolar.

Com o estágio em ambiente online, pude explorar o momento como pesquisadora, aluna e futura professora. Enquanto pesquisadora, me desafiei a analisar a aula remota dentro de uma conjuntura inesperada de aprendizagem, analisando todos os pontos de uma aula, as reações dos alunos, o processo de conhecimento incitado pela professora e o ambiente como um todo. Como aluna, senti todas as adversidades de um contexto socioeconômico acentuado no isolamento da pandemia, ao mesmo tempo que tentei manter ativa uma participação na universidade. Por outro lado, minhas expectativas como futura professora se viram abaladas em virtude da situação que se encontravam as condições de adaptação ao novo “normal” educacional pós pandemia de Covid-19.

EXPECTATIVAS: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

bell hooks (2013) é uma ativista estadunidense que escreveu a obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trata-se de um trabalho interessante que nos propõe uma reflexão sobre a construção do conhecimento como ato íntimo, mútuo e libertador para o professor e o aluno, partindo de um trabalho coletivo a partir de uma

pedagogia engajada³. Durante seus anos de estudante, a autora encontrou em sua frustração e agonia com sua realidade social a sede por respostas sobre suas experiências na teoria. O desejo de se encontrar no universo estudantil, lidar com as diferenças sociais e raciais entre os colegas e a origem de classe perceptivelmente limitante comparada aos outros estudantes de sua escola, foram umas das preocupações que bell hooks relatou honestamente em seu texto.

A autora caracterizou a comunidade pedagógica como espaço de intervenção, o diálogo entre os professores, os alunos e comunidade, como um dispositivo essencial para mudança e a prática transformadora. O ponto em comum em nossas trajetórias enquanto alunas refere-se às questões frustrantes do mundo acadêmico que trata das diferenças de classes sociais na sala de aula. Para hooks (2013, p. 237), os alunos enxergam suas posições na pirâmide de classes como vergonhosa, logo não sentem o espaço da sala de aula como um ambiente democrático e de pertencimento que esteja aberto para eles, a autora define este acontecimento como o início de uma censura dos valores burgueses, impedindo o aluno de relatar sobre sua realidade social, suas ideias e opiniões, resultando no silenciamento de sua própria origem, situação social e econômica.

Após a leitura sobre a confrontação de classes sociais na educação, refleti por alguns dias sobre o tópico e compreendi uma angústia que me cercou por anos: o constrangimento por saber menos. Durante anos adentrada na vida escolar, enquanto uma aluna desprovida de recursos de acesso à informação devido a minha classe socioeconômica, fui constrangida na escola por causa dos meus colegas que possuíam uma condição de vida melhor. Enquanto aluna, havia liberdade para esclarecer dúvidas em sala de aula, mas também havia sujeição a uma coação da turma e professores que me impedia de buscar respostas.

A questão é, as minhas dúvidas pareciam insignificantes ao lado destes alunos mais preparados, e esses mesmos alunos sentiam necessidade em fazer comentários maldosos sobre minhas perguntas. O silêncio é proveitoso para os outros alunos, mas para a aluna de classe social baixa em si, é um desrespeito com sua vivência e origem social. Se não fosse por essa leitura de hooks, como preparação para o estágio, talvez nunca pudesse nomear esses acontecimentos. Penso que a “escola dos sonhos” seria um ambiente mais democrático e crítico que não deixasse brechas para a desigualdade social mostrar-se tão intensa na sala

³ A autora utiliza Paulo Freire como aliado na pedagogia de libertação ao longo da obra, promovendo uma educação libertadora e crítica, para que a sala de aula se apresente como espaço de crescimento pessoal, social e reflexivo.

de aula como mostrado na experiência de bell hooks. Moacir Gadotti em “A escola dos meus sonhos” (2018) argumenta sobre a transformação da sala de aula num ambiente de prazer e entendimento, um espaço de construção do conhecimento mútuo entre aluno e professor, considerando as distinções socioeconômicas dos alunos.

Gadotti (2018) demonstra que o papel do educador é transformar pessoas, mostrar para os alunos a liberdade e consciência crítica. Na sociedade contemporânea, o conhecimento é a chave para tudo, para entender as estruturas vigentes, para compreender o que acontece no dia a dia, é a autonomia que o saber proporciona ao indivíduo, que vai torná-lo soberano de si próprio. Através da educação e do espaço de aprendizagem, o indivíduo torna-se capaz de pensar por si próprio.

Ao longo dos anos na faculdade, desenvolvendo os conceitos acadêmicos e aprendendo sobre a prática educativa, torna-se inevitável criar expectativas com a educação libertadora, na qual sonhamos com escolas preparadas e alunos interessados. Acreditamos na capacidade de trazer elementos educativos que mudarão o pensar social do aluno, e que ele passará adiante seus conhecimentos como agente transformador. Gadotti (2018) expressa que na “escola dos sonhos” todos os participantes são atuantes nas transformações sociais e democráticas, é uma escola livre, popular e palco de luta.

No momento em que a educação se encontra, é preciso uma reinvenção através de um levante coletivo e planejado, para criar um projeto político que seja significativo para os planos políticos voltados para a educação. É encantador a forma que Moacir Gadotti (2018) posiciona a escola dos sonhos como a escola que aborda a humildade, a abertura para o diálogo, a liberdade do opressor e do oprimido, a autonomia intelectual, social, econômica e política, a conscientização e a ideia democrática, o confronto aos desafios, o trabalho de afeto e escuta. A “escola dos sonhos” busca um espaço que seja capaz de deixar o mundo melhor e promover a esperança para alcançá-la.

ACOMPANHAMENTO DA AULA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O acompanhamento de estágio supervisionado é um dos requisitos obrigatórios para a conclusão da graduação em licenciatura. No contexto da pandemia de Covid-19, este processo foi adaptado ao ambiente online remoto para que pudéssemos participar da experiência educativa. A plataforma de software *Google Classroom* foi utilizada tanto pelos professores quanto pelos alunos para dar prosseguimento às aulas, vinculado aos recursos do Gmail, Google Documentos, Planilhas, Apresentações, Google Drive, Google Meet e

muitos outros, possibilitando ferramentas tecnológicas para uso escolar (Junior; Monteiro, 2020).

Para os alunos, a plataforma permite a postagem de recados, acesso a textos postados pelos professores e o anexo de atividades. Já para os professores, é utilizado para associar notas de atividades, correções de trabalhos, postagens de conteúdos e muitas outras possibilidades. A performance do meio digital durante a pandemia gera discussões sobre o acesso à internet, a facilidade de uso tecnológico, adaptação e processos de aprendizagem. Acontece que, de fato, a desigualdade social e o acesso à internet, computador e smartphones são limitados a uma classe social, dificultando a permanência desses estudantes durante a pandemia de Covid-19 (Junior; Monteiro, 2020).

É necessário a integração das tecnologias digitais em todos os meios para garantir a participação igualitária de todos os estudantes no ambiente escolar e acadêmico (Junior; Monteiro, 2020). Pude ter acesso às plataformas e uma internet de baixa qualidade, diante destes desafios. Além de trabalhar para o próprio sustento, tive dificuldades em proceder com a faculdade e principalmente o estágio remoto. Com as limitações aqui mencionadas e a liberdade da professora em não exigir participação integral, acompanhei uma aula de estágio, no dia 29 de abril de 2021, às 10 horas e 40 minutos, a qual será relatada logo abaixo.

A aula foi de Sociologia para o primeiro ano do ensino médio, haviam cerca de 22 alunos na chamada de aula na plataforma *Google Meet*. Informo que não tive qualquer contato com a professora do ensino médio a qual assisti a aula, portanto, não trocamos informações sobre atividades avaliativas ou quaisquer outras. A relação entre estagiária e professor supervisor precisou ser mais indireta e quase inexistente por vários fatores sociais e emocionais que se ligam ao contexto da pandemia de Covid-19.

A síntese da aula foi tratar sobre a cultura, o etnocentrismo e o relativismo cultural, através do recurso didático slide e do livro digital didático. A professora deu início falando sobre as dificuldades do ensino remoto, explicando que os conteúdos foram minimizados devido ao atraso no calendário escolar e, portanto, começaria o segundo bimestre com uma última aula do primeiro bimestre que não coube na programação. Os fatores que podem levar a este acontecimento são: andamento da turma em aprender o assunto, cargas horárias mínimas de 1 hora de aula e calendário escolar com curtos e corridos dias letivos.

Durante a aula, foi possível refletir sobre as condições escolares na pandemia e o uso tecnológico de meios que possibilitam o estudo. Logo no início, a professora incentivou os alunos a utilizarem o meio de comunicação *WhatsApp* para tirar dúvidas sobre matéria. Pude

fazer uma breve relação entre a educação do passado e do futuro, no qual, atualmente, os alunos estão inseridos no contexto tecnológico mais avançado e pandêmico que limita o contato físico e presencial. Gadotti (2018) diz que precisamos do contato e da presencialidade parcial no ensino. Podemos aprender com as tecnologias, mas não somente desta forma.

Gadotti (2018, p. 23) ainda traz complementos de Paulo Freire sobre a participação da tecnologia no processo educador, com instrumentos capazes de auxiliar na emancipação e no diálogo do processo de ensino aprendizagem. A compreensão da obra me lembra as dificuldades do ensino remoto que impedem o contato entre a escola, os alunos e os professores, a situação de ensino remoto não promove um ambiente agradável para a educação neste momento, visto que a falta da socialização escolar dificulta ainda mais o processo de aprendizagem das juventudes. Além disso, a tecnologia não está ao alcance de toda a sociedade, mas somente daqueles que possuem condições socioeconômicas para uso de tal.

Com o uso tecnológico do livro didático digital, a professora pôde explicar visualmente os elementos da cultura, reiterando que o uso da cultura é muito utilizado no senso comum e quais são os aspectos que definem a formação cultural da sociedade. A professora introduziu alguns conceitos da Antropologia e explicou que o estudo faz parte da área de Ciências Sociais, através de assuntos como o relativismo cultural e etnocentrismo, capital cultural e globalização.

A professora falou sobre a alteridade da Antropologia, que funciona pelo olhar do outro, trazendo exemplos de xenofobia com a região do Norte e Nordeste, desenvolvendo o conceito de etnocentrismo. Em outro momento, a professora abriu espaço para conversar, questionando aos alunos se é possível pensar a cultura no singular, onde apenas um aluno respondeu dizendo que não. Em outros momentos da aula, a professora fez uma série de questionamentos para os alunos referentes ao conceito de “exótico”, desconstruindo a forma de enxergar o diferente como exótico, utilizando exemplos como: vestimentas, culturas, padrões simbólicos e outros. Com estes questionamentos, a professora instigou os alunos em diversos momentos a falar sobre seus pensamentos, porém, sem sucesso na resposta dos alunos.

Empregando elementos da realidade, a professora trouxe exemplos como pintura rupestre, restos de fogueiras, instrumentos de ossos e fósseis, para relatar elementos que remontam esse período histórico que compreende a origem do processo cultural. Não

somente, a professora se propôs a desmistificar a ideia de que os gêneros musicais do Funk e o Sertanejo não são culturas, explorando elementos do dia a dia para que os alunos possam identificar em suas realidades a presença da cultura.

Como referência desta observação, a obra “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção” de Tim Ingold (2015) nos propõe uma reflexão criativa sobre a construção do conhecimento de forma interativa para o aluno. Com a representação do dédalo e o labirinto de maneiras distintas, com propósitos diferentes, o autor sugere diversas considerações sobre quais caminhos trilhados levam ao conhecimento, no qual o dédalo é a indução que traz o conhecimento para dentro, e o labirinto é ex-dução que traz o conhecimento para fora (Ingold, 2015, p. 27).

Para Ingold (2015, p. 25), a diferença entre o dédalo e o labirinto é que o dédalo oferece vários caminhos e opções que levam até o destino final, mas a distração e o vislumbre impedem de perceber o que é real de fato, tal como vivemos sujeitos às influências nos dias de hoje. No labirinto, somos convidados a explorar e aprimorar nosso olhar atencioso para as questões que estão nos rodeando, o labirinto nos abre para o mundo e suas possibilidades, seus impasses e aprendizados, representando uma porta para a liberdade de percepção do real. É uma comparação fascinante sobre a educação e o senso comum, propondo a assimilação do real com o labirinto, tal como a professora fez ao instigar o crítico reflexivo dos alunos.

Outro momento importante que Ingold (2019, p. 27) discorre, é sobre a desconstrução das representações através da educação, cada meio cultural encarna seu próprio contexto sobre os conhecimentos, se assimilando com o conceito de cultura que a professora se propôs a tratar. O ato de caminhar pelo labirinto nos retira qualquer ponto de vista pré-criado e, olhando atentamente a jornada, nos tornamos precisos aos objetos do nosso ambiente cultural. Nesta reflexão, pude compreender que a tarefa educacional é destravar a imaginação e fornecer uma liberdade de vagar sem destino, fornecendo começos e não fins, pois o conhecimento nasce no caminho percorrido, e não no destino final.

No momento final da aula, a professora conversou com os alunos para perguntar por que passaram boa parte da aula quietos, então uma aluna respondeu que três tempos diretos de aulas são cansativos. A professora mostrou-se compreensiva, afirmando que entende o cansaço, e ainda comentou sobre a dificuldade de ter muito conteúdo para dar, mas que ia tentar dinamizar a aula para que eles não ficassem entediados. Foi o momento mais importante durante toda a aula, o poder de escuta da professora trouxe uma abordagem da

educação que valoriza a opinião dos alunos sobre as aulas, principalmente no contexto pandêmico no qual se tornou ainda mais necessário prestar apoio aos estudantes.

REFLEXÕES FINAIS

Minha experiência com o estágio não pôde ser mais proveitosa em virtude da pandemia de Covid-19, mas foi enriquecedor descobrir novos lados da prática educativa nas quais não estava familiarizada, não somente com as leituras bibliográficas, mas compreendendo as dificuldades do ensino remoto e a posição do educador neste momento. Me propus a refletir sobre o momento atual, se é possível ensinar com todas os obstáculos estabelecidos pelo cenário político e do coronavírus, e penso como é difícil adaptar toda uma escola que é presencial para o modelo remoto sem uma preparação correta e falta de acessibilidade.

Fiquei emocionada por acompanhar uma aula de ensino médio. Os estudos acadêmicos de faculdade são brutos e por muitas vezes não satisfatórios com toda a carga teórica exaustiva, entretanto, assistir uma aula de ensino médio com uma linguagem didática, com exemplos interessantes e um ensinamento mais prático, foi um momento de alívio enquanto aluna e futura docente. Durante esta aula que acompanhei de Sociologia do ensino médio, me propus a pensar criticamente como aluna e futura professora. Por muitas vezes durante a aula online percebi que os alunos não respondiam as perguntas e nem abriram as câmeras, a professora precisava constantemente perguntar se eles estavam entendendo para saber se realmente estavam assistindo a aula.

Do meu interesse como aluna, entendo que é muito difícil para nós, enquanto estudantes, ter uma interação via aula remota, pois estamos com a mente afetada, sofrendo com diversas situações. Nossa criatividade está limitada, é um momento caótico em que estamos sendo obrigados a colocar nosso corpo para funcionar de qualquer maneira pelo ambiente educacional. Do meu interesse como futura professora, a situação prossegue igual, todos nós estamos enfrentando batalhas internas, pessoais e sociais. Portanto, entendo que seja mais difícil ainda para os professores não terem nenhuma participação de aluno na aula, não há retorno vindo dos estudantes, por isso há uma frustração dentro do contexto da sala de aula virtual vinda tanto dos alunos quanto dos professores.

No relatório de estágio I, relatei minhas preocupações com a transposição da linguagem acadêmica para a linguagem didática dentro do ensino de Sociologia. Neste período assistindo a aula da professora, consegui perceber como se utiliza o conhecimento

acadêmico dentro de sala de aula, conforme a docente utilizou inúmeros exemplos fáceis para que os alunos vissem sentido no que estava sendo explicado. Com o auxílio do material didático, acredito que seja mais fácil filtrar as matérias acumuladas para o currículo escolar, além disso, auxilia o professor nos tópicos a serem trabalhados em aula e como mostrá-los em formas de figuras visuais.

Gostaria de ter tido a chance de presenciar o afeto de um aluno e professor em sala de aula, de conversar e acompanhar os processos educacionais do olhar de um estagiário em mais aulas, de construir confiança com a docência, aprender questões básicas que não são possíveis aprender no ensino acadêmico ou no ensino remoto. Apesar disso, encaro o estágio remoto como um momento de aprendizado para a docência no meu próprio futuro profissional.

Outra reflexão foi em relação à minha referência pessoal de uma boa prática educativa. Escolhi seguir licenciatura devido a boa experiência que tive no ensino médio, pude estudar numa escola pública federal de turno integral numa cidade com pouco mais de 20 mil habitantes. Por isso criei uma certa ligação de aprendizado com os professores, afinal, era mais fácil ajudar cada aluno isoladamente, visto que não tinha muitos estudantes na escola. A atenção que recebíamos era diferente das escolas de uma cidade grande, por isto, gostaria de levar para meus futuros alunos a boa experiência que tive e que mudou quem sou, adaptando sempre para as limitações de cada instituição escolar.

Penso também que minha formação no ensino médio tenha criado uma idealização da educação e, agora com a experiência da disciplina, percebi como é mais difícil ensinar, observando que a professora tinha sua própria metodologia e os alunos em sua maioria não pareciam interessados. Compreendo que não encontrarei uma escola com as mesmas referências que tive e que há chances de não conseguir me dedicar para cada aluno. Diante dessas reflexões, pretendo melhorar ainda mais minhas percepções sobre o que significa a escola, o que é a realidade social, como promover uma prática educativa que beneficie os alunos e, principalmente, propiciar uma base de conhecimento que seja criado mutuamente, através da educação transformadora, o afeto, o sentido do conteúdo, e introduzi-los à caminhada dentro do labirinto para descobrir suas próprias experiências.

A educação não é uma prática libertadora somente para alunos, mas também para professores que estão se desenvolvendo na docência, buscando melhorar e ajudar os alunos. Trouxe a educação como prática libertadora porque também pude me libertar das amarras de aluna durante o estágio. A pesquisa de estágio partiu mais da observação, pensamentos,

leitura bibliográfica e menos do acesso aos alunos e a professora supervisora. Ainda assim, acato como relevante descrever as dificuldades enfrentadas durante os estágios realizados em contexto escolar pandêmico e as expectativas de um futuro melhor para minha prática docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Editora Cortez, 1980.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: Caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez.

SANTOS JUNIOR, V. B. dos; MONTEIRO, J. C. da S. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar**, [S. l.], v. 2, p. 01–15, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8583>.